



## JUVENTUDE EM MISSÃO: PROFECIA E ESPIRITUALIDADE

(Youth in Mission: Prophecy and Spirituality)

**Emerson Sbardelotti Tavares\***

Mestrando em Teologia Sistemática pela PUC/SP

E-mail: est\_capixaba@yahoo.com.br

### RESUMO:

Este artigo apresenta e sugere reflexões para questionamentos hodiernos sobre a juventude como portadora de profecia e de espiritualidade, numa sociedade globalizada, na qual há uma inevitável mudança de valores, o aumento do individualismo, o fundamentalismo, a violência e o extermínio de jovens. Desenvolve a temática a partir da realidade em que está inserida a juventude, e como ela compreende e experimenta a profecia e a espiritualidade, acentuando-se sua vocação, disponibilidade para a missão, sua espontaneidade, seu humor, sua energia rebelde - que a coloca em rota de colisão com antigas respostas que já não satisfazem sua curiosidade e sua objetividade - sua presença nos serviços da comunidade eclesial de base ou apenas na participação quase omissa e sem pretensão alguma nas Celebrações da Palavra e nas Celebrações Eucarísticas. Trabalha conceitos básicos, porém necessários, para uma Igreja que talvez não queira mais falar da injustiça e de pobres e que já esteja convencida de que a palavra morreu. Se há jovens profetas, onde eles estão?

**Palavras-chave:** Missão; Profecia; Espiritualidade.

### ABSTRACT:

This article presents and suggests reflections for today's questions about youth while holder of prophecy and spirituality, in a globalized society, where there is an inevitable change of values, increasing individualism, fundamentalism, violence and extermination of young people. Develops the theme from the reality in which is inserted the youth, and how the same understands and experiences the prophecy and spirituality, accentuating their vocation, availability for the mission, their spontaneity, their humor, their rebel energy who puts on a collision course with old answers that no longer satisfy their curiosity and their objectivity, their presence in the ecclesial community services or just almost silent and participation without pretense whatsoever in the celebrations of the Word and in the Eucharistic celebrations. Works fundamentals but necessary for a church that might not want more talk of injustice and of poor and already convinced that the word died. If there are young prophets, where are they?

**Keywords:** Mission; Prophecy; Spirituality.

## INTRODUÇÃO

Qual é a missão da juventude?

Quais são os caminhos que levam a juventude à missão, à profecia e à espiritualidade?



Quais são os caminhos que fazem estar na presença de Deus?

Juventude, missão, profecia e espiritualidade são partes do grande memorial que se faz todas as vezes que encontramos um grupo de jovens, debatendo seus sonhos, utopias, esperanças, realizações, como também a dor, o fracasso e o desânimo com tudo o que vem acontecendo na sociedade e em alguns setores dentro da Igreja.

Ter e ser juventude, ser missionária, ser profeta e viver uma espiritualidade encarnada na vida do Povo Santo de Deus são elementos indispensáveis para uma entrega feliz ao Reino da Vida.

Elementos esquecidos ou mal interpretados, que a presente reflexão tenta responder aos questionamentos hodiernos sobre a alegria de uma juventude que é missionária, portadora de profecia e de espiritualidade, numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens. Quais caminhos serão percorridos?

O presente artigo procura entender a temática a partir da realidade em que está inserida a juventude e como ela compreende e experimenta a profecia e a espiritualidade, acentuando-se sua vocação, sua disponibilidade para estar em missão permanente, sua espontaneidade, seu humor, sua energia e alegria rebelde - que a coloca em rota de colisão com antigas respostas que já não satisfazem sua curiosidade e sua objetividade - sua presença nos serviços da comunidade eclesial de base ou apenas na participação quase omissa e sem pretensão alguma nas Celebrações da Palavra e nas Celebrações Eucarísticas. Trabalhar conceitos básicos e necessários para uma Igreja que voltou, após longo inverno a falar mais de injustiça e de pobres e que se convenceu que a Palavra não morreu. E, portanto, uma pergunta de fundo: “Se há jovens missionários e profetas, onde eles estão?”

Arrisco ao repetir as palavras do poeta <sup>1</sup>:

## A VIDA SE TECE DE SONHOS

A vida se tece de sonhos!  
Sonhar é a melhor parte do viver!  
Somos jovens do campo e da cidade,  
na luta por justiça e solidariedade.  
Só ama quem sonha!  
Só sonha quem fala:  
“por uma terra sem males e demarcada!”  
“olha como o vento desfralda a wiphala!”  
E não haverá miséria nem fome.  
Será diferente o futuro de ricos e pobres  
e não haverá miséria nem fome.  
Cada um será chamado pelo próprio nome.  
São os sonhos da resistência.



É a realidade que surge nova.  
Somos jovens em busca da paz.  
É paz consciente que da terra brota!  
A vida se tece de sonhos!  
E sonhar não custa nada.  
Somos profetisas e poetas,  
somos gente e profetas!  
E estamos aí pelas ruas e praças,  
com sonhos, alegrias e virtude,  
no Continente da Esperança,  
somos Pastoral da Juventude.

## 1. O ESPÍRITO SOPRA ONDE QUER

*Não deixe cair a profecia!*<sup>2</sup>

Foi essa a última mensagem que D. Hélder Câmara falou para o monge Marcelo Barros, poucos dias antes da sua morte. E esta, dita por aquele que havia sido o grande profeta do século XX na América Latina e no Brasil, demonstra que o profeta deve ser um agoniado e que não aceita a morte da profecia, que não aceita que a chama profética se apague do coração e da alma da Igreja. Afinal, o projeto salvífico de Deus se desenvolve no interior da história humana, por meio dos povos que Ele chama para Si, numa sociedade e época histórica. E Deus continua chamando novos profetas e profetisas, que contraíam o cheiro de ovelhas

Ousemos um pouco mais no tomar a iniciativa! [...] Com obras e gestos, a comunidade missionária entra na vida diária dos outros, encurta as distâncias, abaixa-se – se for necessário – até a humilhação e assume a vida humana, tocando a carne sofredora de Cristo no povo. Os evangelizadores contraem assim o “cheiro de ovelha”, e estas escutam a sua voz. Em seguida, a comunidade evangelizadora dispõe-se a “acompanhar”. Acompanha a humanidade em todos os seus processos, por mais duros e demorados que sejam. [...] Fiel ao dom do Senhor, sabe também “frutificar”. A comunidade evangelizadora mantém-se atenta aos frutos, porque o Senhor a quer fecunda. Cuida do trigo e não perde a paz por causa do joio. [...] Encontra o modo para fazer com que a Palavra se encarne numa situação concreta e dê frutos de vida nova, apesar de serem aparentemente imperfeitos ou defeituosos. O discípulo sabe oferecer a vida inteira e jogá-la até o martírio como testemunho de Jesus Cristo; contudo, o seu sonho não é estar cheio de inimigos, mas antes que a Palavra seja acolhida e manifeste a sua força libertadora e renovadora.

Onde estão os profetas e as profetisas, onde estão as discípulas e os discípulos que anunciam, denunciam e ameaçam?



A profecia morreu?

Não! Mas ela está um pouco escondida.

O problema de ontem e de hoje é a pobreza institucionalizada (econômica e politicamente) em que vivem as famílias dos jovens de hoje, o que é uma afronta ao Deus de Jesus de Nazaré; a vivência religiosa irá exigir de nós, depois de 50 anos do Concílio Ecumênico Vaticano II, uma gradual e radical transformação da sociedade, nos forçando a buscar as fontes de nossa profecia, de nossa espiritualidade, de nossa identidade, de nossa missão como filhas e filhos de Deus.

O Espírito sopra onde quer e ninguém tem poder sobre ele; mesmo assim, é tempo de atentamente esperar os sinais dos tempos, sinais que começam a germinar de forma fraternal com o papa Francisco, um papa muito mais do Carisma que do Poder. Um papa que se deixa tocar e toca, que abraça, um papa que escolhe não apenas um nome, mas um projeto de vida, que viaja para uma ilha de naufragos, esquecidos e discriminados, e, com os restos das embarcações, manda construir para si uma cruz e a coloca em uma igreja na Itália, para que não se esqueçam; gestos simbólicos, porém proféticos, que incomodam muitas pessoas dentro e fora da Igreja. O novo sempre incomoda!

Com Francisco reaparecem em seus discursos e escritos certas características do Projeto de Deus<sup>4</sup>, defendidas também pelos profetas que vieram antes dele: 1<sup>a</sup>. Sociedade igualitária; 2<sup>a</sup>. Autonomia produtiva; 3<sup>a</sup>. Descentralização do poder; 4<sup>a</sup>. Leis que defendam o sistema igualitário; 5<sup>a</sup>. O bem de todos é defendido pela união de todos; 6<sup>a</sup>. Socialização do saber. 7<sup>a</sup>. Uma Igreja dos Pobres<sup>5</sup> - como ele mesmo fez questão de dizer:

Por obra e graça do Espírito que sempre acompanha o caminhar, por vezes tortuoso, da Igreja, surgiu finalmente um papa vindo do fim do mundo, como ele mesmo diz. Só pelo nome que escolheu – Francisco – representa uma nova esperança para a toda Igreja e também para o mundo.

No dia 16 de março, na Aula Paulo VI (sala alternativa de audiências papais localizada em Roma), deu uma entrevista coletiva aos jornalistas e com simplicidade explicou o significado do nome de Francisco. Ali disse ele: “Quando foi alcançado o número de votos que me faria papa, aproximou-se de mim o cardeal brasileiro Cláudio Hummes, me beijou e disse: Não te esqueças dos pobres. Em seguida, em relação aos pobres, pensei em São Francisco de Assis. Depois pensei nos pobres e nas guerras. Durante o escrutínio, cujos resultados das votações se punham perigosas para mim, veio-me um nome no coração: Francisco de Assis. Francisco, o homem da pobreza, da paz, que ama e cuida da criação, um homem que transmite um sentido de paz, um homem pobre. Ah! Como gostaria de uma Igreja pobre e para os pobres”.



A juventude do século XXI no Brasil tem consciência de que a profecia é uma ação pública de grande visibilidade necessária? E que ela precisa estar onde o povo está?

Ela sabe que é a espiritualidade encarnada na vida do povo que a faz ser profeta de Deus?

Onde estará a juventude, uma vez que muitas vezes não está nas comunidades eclesiais de base, nos movimentos sociais? A juventude está no mundo!

E quais seriam as visões distorcidas ou não que o mundo tem dela?

Mas o que seria a juventude em missão, a profecia e a espiritualidade?

## 1.1 CONCEITOS BÁSICOS, MAS QUE FORAM ESQUECIDOS

Em sua chegada ao Brasil para a Jornada Mundial da Juventude<sup>6</sup>, no dia 22 de julho de 2013, no Rio de Janeiro, o bispo de Roma disse assim:

A juventude é a janela pela qual o futuro entra no mundo. É a janela e, por isso, nos impõe grandes desafios. A nossa geração se demonstrará à altura da promessa contida em cada jovem, quando souber abrir-lhe espaço. Isso significa: tutelar as condições materiais e imateriais para o seu pleno desenvolvimento; oferecer a ele fundamentos sólidos, sobre os quais construir a vida; garantir-lhe segurança e educação para que se torne aquilo que ele pode ser; transmitir-lhe valores duradouros pelos quais a vida mereça ser vivida; assegurar-lhe um horizonte transcendente que responda à sede de felicidade autêntica, suscitando nele a criatividade do bem; entregar-lhe a herança de um mundo que corresponda à medida da vida humana; despertar nele as melhores potencialidades para que seja sujeito do próprio amanhã e corresponsável do destino de todos. Com essas atitudes precedemos hoje o futuro que entra pela janela dos jovens.

Sobre juventude, há muitos pontos de vista para analisá-la; indico a classificação mais objetiva e sintética, construída em mutirão, que parte da perspectiva cristã católica e comprometida com milhares de grupos de jovens espalhados pelo Brasil.

Apontaremos aqui quatro visões de juventude<sup>7</sup>:

A visão biocronológica: define a juventude em termos de idade, etapa de transição, ou seja, aquela que tem de 15 a 24 anos<sup>8</sup>, sendo que no Brasil ficou definida entre 15 e 29 anos.



A visão psicológica: identifica a juventude com os conflitos pessoais em que se tem a vida nas mãos, mas não se tem o reconhecimento e a capacidade, etapa de construção da identidade, tempo de opções e definições.

A visão sociológica: vê na juventude um grupo social e, dentro dele, diferentes setores.

A visão cultural-simbólica: procura ver a juventude em seu habitat cultural, produzindo movimentos culturais que acentuam a estética e o lúdico.

Para Dick, estaria faltando, entre essas visões, uma quinta: a visão jurídica ou legal de juventude – aquela que impera em muitas leituras ou abordagens a respeito do tema. Mas o que é juventude?

É a idade da pessoa em crescimento, que busca sua definição social e pessoal. É a época da vida em que a pessoa se sente na necessidade e na urgência de optar para se definir.

É a fase da vida, situada entre a infância e a vida adulta, entre a dependência infantil e a autonomia adulta. Porém, durante toda a história da humanidade, a ideia de fases adquire diferentes significados. A noção de juventude é construída no processo histórico, com diferentes recortes. Em cada sociedade, em cada época histórica e de acordo com os diversos grupos que a compõem, tais fases assumirão características específicas quanto à duração de cada uma delas, contudo nem sempre aparecerá como fase claramente distinta. A vida adulta atualmente está cada vez mais difícil de ser atingida, alongando a juventude, tornando-se mais complexa<sup>9</sup>:

Na sociedade contemporânea, podemos dizer que os jovens não apenas se preparam para o futuro: inserem-se no presente, inserem-se na vida adulta; não tem na escola seu único espaço: fazem-se presentes em diferentes âmbitos da vida social. Ocupando os mesmos espaços que os adultos, destes se diferenciam pelo caráter mais experimental de sua inserção. Rapazes e moças experimentam diferentes inserções nas mais diversas dimensões: do trabalho, da vida afetiva, da sexualidade, da cultura e do lazer, da participação política.

Libanio<sup>10</sup> nos diz que há um olhar duplo: o da sociedade para o jovem e o do jovem para si mesmo. A sociedade olha o jovem e o considera em fase importante do desenvolvimento de sua personalidade. Todavia também o vê como alguém subordinado e ainda submetido a uma marginalização do trabalho e das funções políticas. O jovem olha a si mesmo e entra numa idade de apropriação das diferenças que o afetam no campo sociopsicológico, ao mesmo tempo em que se prepara para enfrentar situações adultas diferenciadas, passando do mundo particularista da família para o mundo universalista do trabalho e das relações sociais. Os grupos de jovens ajudam a integrar o modelo de família com a vida em sociedade. A escola surge como lugar intermediário da socialização entre a sociedade e a família.





A CNBB<sup>11</sup>, afirma que, conhecer os jovens é a condição prévia para evangelizá-los. Não se pode amar nem evangelizar a quem não se conhece. Busca-se conhecer a geração de jovens cuja evangelização se apresenta como um dos grandes desafios da Igreja neste início do século XXI. Destaque para a subjetividade, para as novas expressões da vivência do sagrado e a centralidade das emoções, enquanto elementos da nova cultura pós-moderna que influenciam no processo de evangelização dos jovens e no fenômeno da indiferença de uma parcela da juventude em relação à Igreja.

D. Hélder Câmara<sup>12</sup> já dizia que um jovem, mesmo na flor da idade, que contempla o mundo como feira em liquidação, como mágica idiota, como absurdo sem saída e sem fim, já é um velho, precisando urgente de uma bengala ou um sanatório. O jovem-jovem de verdade, segundo D. Hélder, tem sede de conhecer os grandes problemas humanos, não os teme, não entra em pânico.

A juventude tem a missão de construir um país e um mundo mais justo, solidário e fraterno; para tanto, é preciso ter três posturas simples: viver na alegria, deixar-se surpreender por Deus e conservar a esperança.

A nossa marca cristã é responder se somos ou não discípulos? A consequência disso é quando encontro o outro: eu sou e me entendo como cristão a partir da minha identidade cristã no momento em que me relaciono com o próximo.

E o que espera o Papa Francisco<sup>13</sup> da juventude?

Espero que façam barulho. Quero que a Igreja saia às ruas, quero que nos defendamos de tudo que seja mundanismo, do que seja instalação, do que seja comodidade, do que seja clericalismo, do que seja estar fechados em nós mesmos. As paróquias, as escolas, as instituições são para sair; se não o fizerem, tornam-se uma ONG. E a fé em Jesus Cristo não é brincadeira, é algo muito sério. É um escândalo que Deus tenha vindo fazer-se um de nós; é um escândalo que tenha morrido na Cruz, é um escândalo: o escândalo da Cruz. A Cruz continua sendo escândalo, mas é o único caminho seguro: o da Cruz, o de Jesus, a encarnação de Jesus. Por favor, não espremam a fé em Jesus Cristo. Há a espremedura de laranja, há a espremedura de maçã, há a espremedura de banana, mas, por favor, não espremam a fé em Jesus Cristo. A fé é inteira, não se espreme.

A juventude, em seu caminho para a missão, entende que ela vai em direção ao povo, para o povo em missão. O ponto de partida da missão é a realidade. É acreditar numa Igreja pobre para os pobres! O objetivo que está no coração da juventude missionária é o de facilitar o encontro, de mudar a cabeça... não adianta ir para a periferia com a cabeça do centro da capital. É reconhecer limites. É descobrir lá, na missão, o próprio interior e abrir-se às outras pessoas. Vive-se um *kairós* na missão a partir do pano de fundo que orientou as Conferências Episcopais Latino-Americanas e Caribenhas: 1. Medellín: a Libertação; 2. Puebla e Santo Domingo: os Pobres, os Jovens e a Inculturação; 3. Aparecida: a Missão. O que vem afirmando o Papa Francisco em seus



discursos e tuítes é que a missão está novamente no centro das discussões da Igreja e, com ela, a juventude. É preciso que a missão e sua teologia propriamente dita penetrem em tudo e em todos na vida da Igreja. Nenhuma cultura pode ser tutelada, é preciso enxergar o indígena, o negro, a mulher, as crianças, os pobres, como novos sujeitos na Igreja. Para ver se uma paróquia é missionária, basta ver se o livro de caixa é favorável às missões e à formação da juventude. A missão divulgada por Francisco não é a de repescar os peixes que escaparam da rede, e sim a de ir ao encontro e dar abraços. A missão é o lugar que aprendemos a viver com a alteridade. O que nos une é a causa do Reino, portanto, é transformar. Na missão, o que você diz, às vezes, não é tão importante perto daquilo que você irradia. A melhor oferta da juventude na missão é a alegria. Ser uma pessoa de Deus é apaixonante, pois a fé que carrega no peito vem da escuta da Palavra de Deus e não das imagens. O significado da missão se esclarece na relação entre Deus e a humanidade. Na escuta de Deus, todos somos eternos aprendizes.

Missão<sup>14</sup> significa testemunhar o evangelho da graça e conduzir a graça original, inerente a cada ser humano, para a sua explicitação e assunção consciente como graça histórica. Significa explicitar aquilo que cada um em sua essência é, desde sempre: criatura segundo a imagem de Deus e irmão do outro. Tal passagem nos confronta com a cruz de Cristo, nos introduz na comunidade eclesial de base e nos faz assumir os grandes conflitos do mundo que envolvem os pobres. A cruz, a comunidade e o conflito são as três dimensões do querigma missionário que visam a uma qualidade de vida em abundância e uma nova presença no mundo.

O Documento de Aparecida diz que a Igreja é chamada a repensar profundamente e a relançar com fidelidade e audácia sua missão nas novas circunstâncias latino-americanas e mundiais. Trata-se de revitalizar a novidade do Evangelho arraigada em nossa história, a partir de um encontro pessoal e comunitário com Jesus Cristo, que desperte discípulos e missionários<sup>15</sup>.

A missão evangelizadora, segundo o Documento de Aparecida, consiste em irradiar vida em meio a tantos sinais de morte. Todos os dias a juventude está sendo exterminada, se tornando estatística dos governos que nada fazem para que essa realidade seja mudada. E mudar a realidade começa por uma educação de qualidade, por uma saúde de qualidade, por uma segurança pública de qualidade. Por mais dura que seja a realidade, ela não tem a última palavra.

No Dicionário de Aparecida<sup>16</sup>, encontra-se a explicação de que o Documento de Aparecida herdou do Concílio Vaticano II a visão de uma Igreja que é, por sua natureza, missionária. Essa herança aponta para a passagem de uma missão territorial para uma missão em que a responsabilidade do ser missionário é de todos os batizados. Depois do Concílio, os documentos latino-americanos retomaram essa afirmação fundamental. Aparecida, na terceira parte de seu texto conclusivo, dedicado ao agir pastoral, desenha uma Igreja que vive em estado de missão. A missão é uma atividade comunitária, parte da comunidade, é comunidade a caminho e funda comunidades. E nelas está a





juventude, que seduzida pela pedagogia e proposta libertadora de Jesus de Nazaré, se coloca à disposição para evangelizar outros jovens.

A missão é a prática da profecia, pois é missão de Deus, que envia Jesus de Nazaré ungido pelo Espírito Santo.

Sobre profecia, há uma palavra-chave para entendê-la: resistência. Resistência, na etimologia, é formada pelo prefixo *re*, que aponta para uma duplicação, uma insistência, um desdobramento, uma outra vez; um substantivo derivado do verbo *sistere*: parar, permanecer, ficar, ficar de pé, estar presente. A esse verbo se associa também a *stantia*, que invoca a estadia. Resistência é insistir em estar, em permanecer, em ficar de pé. O profeta fica de pé e anda, fala, grita, ameaça, contudo não se cala. Mesmo sendo assassinado, sua voz ecoa e incomoda.

Resistir é se opor, é lutar; porém, é também resistir à tentação, manter-se firme diante de uma força contrária. Resistência a todo tipo de opressão causado pelo sistema, seja ele, monárquico, ditatorial ou democrático, de ontem e de hoje, que impede a abundância da vida.

No Primeiro Testamento, a profecia aparece no período histórico da monarquia israelita e durante a tutela de assírios, babilônicos, persas, helênicos; são apontados os abusos cometidos pelos reis, monarcas e imperadores durante a monarquia unida em Israel e depois com os reinos divididos: Israel e Judá, contra o povo. Contra esses abusos, os profetas levantaram suas vozes e fizeram ouvir a mensagem de Deus para aqueles governantes. Pois a profecia é um apelo de Deus à conversão, ela não se separa da pessoa do profeta, não é puro discurso, e sim ação pública de grande visibilidade. O profeta, quando se levanta, se levanta do meio do povo. E não fala somente com palavras, mas com toda a inteireza da vida. Contra o poder opressor o profeta se dirige ao rei e também ao povo, quando este se corrompe e se afasta da sua missão. O profeta é aquele que fala em nome de alguém. Fala aquilo que vê. Quanto maior a opressão, mais forte será a reação por parte da profecia.

Suees<sup>17</sup> afirma que um grande aprendizado para a missão cristã é a instituição da profecia e dos profetas. Numa cultura em que a Lei/Torá é considerada um dom de Deus para regulamentar a sociedade com autoridade divina, são os profetas que garantem a história das instituições religiosas e políticas, fazendo a análise conjuntural, histórica e interpretando os sinais dos tempos mediante a Palavra de Deus.

A presença profética representa o discernimento crítico do caminhar histórico. Os profetas advertem Israel se este faz parcerias com terceiros que parecem mais importantes do que a Aliança com Deus; quando a instituição está mais preocupada com a pureza da fé e da moral dos pobres do que com a sua fome e com a justiça; quando a prerrogativa do povo eleito se torna privilégio e prestígio em detrimento do serviço e testemunho. Os profetas abrem portas quando a instituição as procura manter fechadas. Por isso,



vivem permanentemente em conflito com as instâncias político-religiosas e, às vezes, com o próprio povo. Não escolheram a missão da profecia. Aceitaram essa missão com medo e objeções. Ao transpor o horizonte escatológico ao aqui e agora da história e ao incentivar a responsabilidade universal do povo eleito, prepararam o caminho para a proposta de Jesus.

No Segundo Testamento, a esperança dos pobres se realiza no Moreno de Nazaré e nas Primeiras Comunidades criadas após a sua ressurreição no contexto do império romano.

Na época de Jesus, a Aliança com Deus estava falhando e o primeiro sinal era justamente o aparecimento de gente cada vez mais empobrecida no seio do povo. O pobre, pelo fato de existir e de ser empobrecido, acusa a todos e se torna para o povo de Deus na boca e nas ações de Jesus uma denúncia vinda do próprio Deus.

Jesus captou, como o fizeram os profetas antes dele, a voz de Deus escondida no clamor dos pobres. A pregação de Jesus não agradou a todos, pois, colocou-se do lado dos pobres, marginalizados, excluídos, violentados em sua dignidade como seres humanos; no entanto, os grandes não o quiseram, preferiram as suas próprias ideias, matando-o na cruz, com o consentimento dos romanos. Sua morte foi a de um maldito, morreu gritando. E Deus, que ouve o clamor do seu povo, dos pobres, ouviu o grito de Jesus, desceu e o ressuscitou, transformando a cruz, de perdição, em único caminho para alcançar a salvação.

O profeta é o crítico religioso da realidade. É a pessoa que não se conforma com o erro, com a injustiça, com a opressão. Sua crítica é religiosa porque se expressa em nome do Transcendente; pois se destina a seres humanos reais, precisos, em determinado momento histórico bem concreto. O coração da profecia é o caráter denunciatório. No período da monarquia em Israel, a profecia falou mais alto. Imbuídos da Palavra de Deus e convencidos que esta Palavra poderia perpassar toda a realidade, em nome da sua vocação, eles irão atuar em todos os setores da sociedade, fazendo isso de maneira implacável. Agiram assim na política, e essa atuação foi decisiva. Agiram de maneira concreta e revolucionária. A problemática social é um campo fértil para a atuação de todos os profetas. A visão que o profeta possui da história é peculiar, pois é única e com imensa capacidade de análise conjuntural. Eles leem a história presente, inspirando-se no passado com o olhar voltado para o futuro. Reconhecem na história, a mestra da vida, e eles se tornam sujeitos da mesma história que seu povo está vivendo. Em relação à religião e ao culto, fazem duríssimos ataques. Nenhum profeta aguenta participar de uma religião sem vida, um culto sem justiça social. Por isso exprimem a repugnância que Deus sente das liturgias, ofertas e sacrifícios que apenas acobertam enganos e vícios<sup>18</sup>:

A denúncia profética atinge os mais diversos campos da vida do povo, tais como economia, exploração, despotismo, escravidão, terra e latifúndio, corrupção, política, julgamentos nos tribunais, violência e sangue derramado, roubo, extorsão, luxo e ócio. A profecia nesses tempos antigos, manifestava-se regularmente junto ao povo. As pessoas citadas como profetas



representavam momentos privilegiados dessa revelação, mas a linha profética não abandona o povo de Israel. A profecia representa o lado explosivo do povo de Deus. Ela é sempre necessária. O esquecimento desse lado acarreta enormes prejuízos para a Igreja e para a sociedade.

Os profetas eram, portanto, pessoas com um caminho de vida iluminado pela Palavra de Deus. Ao serem chamados por Deus, puderam senti-lo, puderam experimentá-lo. Deus trabalhou normalmente dentro da mente deles, trabalhou sem pressa dentro do coração deles. Cada profeta teve uma vocação específica, contudo, possuem três elementos em comum:

1. Forte experiência de Deus.
2. Ao experimentar Deus, certifica-se de que é o próprio Deus que o chama para uma missão especial.
3. Esta experiência causa uma mudança profunda em sua vida.

A juventude, seguindo o exemplo do Papa Francisco, tem resgatado o Jesus Histórico, o Jesus de Nazaré, o Moreno. É aquele que andava por estradas poeirentas, fazendo o bem, curando a uns, ressuscitando a outros.

Sobre as primeiras comunidades, o que se tem são 40 anos obscuros, pois nada sabemos como e onde se organizaram as comunidades, contudo trabalharam em cima do Jesus de Nazaré que os olhos viram e que as mãos apalparam.

O Jesus Histórico está na linha dos profetas, ele foi morto, vítima da religião. O que ele queria era nos ensinar a viver. Criar um homem e uma mulher novos, o grande propósito, e chamava isso de Reino de Deus. O eixo está nessa capacidade do ser humano estar aberto ao outro.

As características deste Moreno de Nazaré são a ética, a compaixão, a tolerância, o se comover e o abençoar.

Os discursos de Francisco estão na linha do Jesus Histórico e nos convoca a seguir a este Jesus. Crer não é aderir às verdades, e sim ter um encontro vivo com Jesus. Na conversão cotidiana é que a juventude tem a oportunidade de ter este encontro com Ele, mudando as atitudes como ser humano.

O papa trabalha as ideias básicas da pregação de Jesus e espera o mesmo da juventude.

Ele volta ao Jesus encarnado.

Ele faz essa revolução, própria da Igreja da América Latina.



Essa revolução é inatacável.

Quem pode ser contra a misericórdia e a ternura que prega este papa? Para ele, a Igreja não é um castelo fechado, e sim uma casa aberta: quem está dentro tem que sair. A Igreja do papa não é um navio ancorado, tranquilo: ele entra mar adentro.

É um deslocamento enorme da Igreja para o mundo, para os pobres, para a ecologia.

O resgate do Jesus Histórico é o resgate da humildade. Esta é a primeira revolução que ele está fazendo acontecer.

A segunda revolução importante é o deslocamento da Igreja Hierárquica para uma Igreja Povo de Deus, em que os protagonistas privilegiados são os jovens. Em várias intervenções ele coloca a Igreja a serviço do povo. Todos os serviços estão a serviço do povo de Deus, o qual não é uma massa anônima. Ele valoriza o trabalho das jovens mulheres na Igreja e quer inclui-las nos pontos de decisão, sendo que a partir daí dá para se pensar uma refundação da Igreja.

O próprio papa emérito, Joseph Ratzinger, fala muito bem, em um de seus bons livros de teologia, a respeito da refundação da Igreja.

Para termos Igreja, executaram Jesus na cruz e o Reino de Deus não veio; da mesma foram, como toda comunidade primitiva esperava (1Ts) que viesse o fim do mundo e este não veio. Lucas mostra que Jesus é aquele que foi e não aquele que vem, que os apóstolos fizeram um Concílio para tomar uma decisão: coube ao Espírito Santo e a nós sair em missão.

A Igreja só se renova se continuamente os cristãos se comprometerem a reformar a Igreja. Como ser Igreja no nosso contexto? O atual papa tem as condições de refundar o cristianismo de maneira diferente daquela que nós já conhecemos. A refundação seria a partir das tribulações do terceiro mundo.

O papa sugere andarmos juntos na diferença, no serviço ao mundo e aos pobres. A esperança é que o papa refunde a Igreja baseada em todos as pastorais, CEBS e movimentos. A Igreja se torna universal na medida em que assume causas universais, as quais fazem uma mudança radical e profunda. Essa mudança profunda, que transforma o ser humano por inteiro, chamamos de Espiritualidade.

Há vários conceitos e definições a respeito de Espiritualidade, pois há várias espiritualidades. A que se trabalha aqui é a espiritualidade cristã católica, pé no chão. A palavra espiritualidade tem sua raiz na palavra *espírito* (*ruah* – em hebraico – cf. Gn 2,7; Jo 20,22).



É bem verdade que, mais que falar, se sente a Espiritualidade dEle. É o que motiva a entrar na luta pela defesa cotidiana e constante da Vida no Reino.

Casaldáliga e Vigil dizem assim<sup>19</sup>:

A espiritualidade não se opõe à matéria nem ao corpo nem à história. A espiritualidade de que a gente fala não acontece fora do mundo; vive-se aqui, “pé-no-chão”, no dia-a-dia da vida humana, trabalhadora, militante, de luta e festa, de vida e morte e de Vida! A espiritualidade de uma pessoa é o mais profundo de seu próprio ser: suas motivações maiores, seu ideal, sua mística de vida, a utopia que a dinamiza e empolga. Ter “espírito” e ter “espiritualidade” equivalem praticamente. “Espírito é substantivo concreto”. “Espiritualidade é o substantivo abstrato”.

Espiritualidade é a capacidade do ser humano de dialogar com o Eu profundo e com o Totalmente Outro que lhe fala. É a possibilidade dada e recebida, graciosamente, de ouvir os apelos do coração e dialogar com o que nos transcende, o que nos inunda de mistério. Nesse sentido, a espiritualidade é a aura que sustenta os valores de solidariedade, compaixão, cuidado e amor, fundamentais para uma sociabilidade verdadeiramente humana e, se é verdadeira, portanto é divina.

A espiritualidade requer, de quem a experimenta, muita fé e também muitas obras. A espiritualidade libertadora é aquela que está diretamente relacionada com a libertação integral da pessoa humana e que lança suas redes em águas mais profundas quando se trata de defender a vida nova e soberana para todos. É uma espiritualidade de resistência num mundo de exclusões, violências e extermínios. A espiritualidade que é capaz de articular uma enorme fé no Criador, fomentar o cuidado com a criação e ensinar a partilhar fraternalmente, é, essencialmente, libertadora. Portanto, provoca uma mudança de dentro para fora, pois se sai ao encontro do outro, e deste encontro, modifica-se de fora para dentro, e retorna-se cheio de amor e esperança. É uma espiritualidade que não nos deixa frios nem mornos, mas sempre quentes.

Essa mudança profunda, que transforma o ser humano por inteiro, na revelação bíblica se define como uma forma de estar no mundo. Interpretando todos os acontecimentos à luz da fé e agindo por impulso do Espírito que nos liberta das idolatrias (idolatria é tudo aquilo que nos afasta do divino, que nos leva a desgraça) e nos transforma para criar comunidade solidária. Foi essa a vocação da humanidade que, realizada no Moreno de Nazaré, se vai concretizando pouco a pouco em nossa história de graça e de pecado. Ele vai nos inundando com a sua mística.

Quando falamos de mística, estamos nos referindo ao mistério que nos faz viver. É o mistério que comunica, é o sentido que tende a construir uma fraternidade na Terra: harmonia com a Natureza, com as coisas, entre nós, com Deus. A palavra mística tem sua raiz na palavra *mistério* (mysterion - em grego - cf. Mc 4,11; 1Cor 2,1.7; Cl 1,27; Ef 1,9). Espírito e Mistério são palavras que se completam e, no nosso caso, estão



estritamente ligadas ao Mistério Pascal de Jesus e ao Espírito Santo de Deus que nos impulsionam e encorajam na caminhada cotidiana, de conversão, de recuos e avanços.

Espiritualidade e mística, se não forem sentidas e bem usadas, se tornam fuga. E o que mais acontece hoje em dia é a fuga.

Mística<sup>20</sup> é o fio condutor, uma linha invisível que une a memória e os sonhos, que une a história e a utopia, que une o passado e o futuro e que faz do presente uma grande festa, uma grande celebração. E porque se faz uma grande celebração? Porque Deus é fiel e nós reconhecemos isso. Se Deus é fiel, nós até gostamos.

Mas quais são os passos para fazer um itinerário na espiritualidade?

Primeiro passo: *fazer silêncio*. A juventude deve perceber que é no silêncio que Deus se revela a nós e nós nos revelamos a Ele; deve entender que ao calarmos nossas vozes interiores e exteriores, todo o nosso ser se cala e aguçam-se nossos sentidos na escuta daquele que vem.

Segundo passo: *pedir humildemente a ajuda do Espírito Santo*. É necessário pedir ao Pai que mande o seu Espírito. Pois, sem esta ajuda do Espírito de Deus, não é possível descobrir o sentido que a Palavra de Deus tem para o seu povo hoje.

Terceiro passo: *a Leitura Orante da Bíblia*. É necessário subir os degraus:

Primeiro degrau: *a leitura* - o que o texto diz em si?

Segundo degrau: *a meditação* - o que o texto diz para mim, para você?

Terceiro degrau: *a oração* - o que o texto me faz dizer a Deus?

Quarto degrau: *a contemplação* - ver o mundo em que vivemos com os olhos de Deus, saboreando o jeito de ser e agir de Deus; o quanto Ele é bondoso e o que faz para nós.

Quarto passo: *a reza do Ofício Divino das Comunidades – Ofício Divino da Juventude – Ofício Divino dos Mártires da Caminhada*.

Quinto passo: *o contato com a literatura especializada sobre o tema*.

A espiritualidade libertadora ainda hoje move várias pessoas a agir com firmeza diante dos desmandos e das injustiças causadas pelos poderosos desse mundo.

Lembro com saudade de um amigo querido, assessor da Pastoral da Juventude da Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo, o padre Gabriel Felix Roger Maire, francês, trabalhou em Cariacica-ES, durante 9 anos e foi assassinado no dia 23 de dezembro de





1989, aos 53 anos de idade; missionário cheio do Espírito de Deus que tantas vezes anunciou, denunciou e ameaçou: “Uma Igreja que não incomoda é uma Igreja acomodada”. Na Assembleia Arquidiocesana de 1988, em Ibirajú-ES, quando pediram a ele que voltasse para seu país, pois todos já sabiam das ameaças de morte que sofria, ele, com os olhos cheios de Deus e com um sorriso místico nos lábios dizia: “Prefiro morrer pela vida do que viver pela morte”.

Por isso, quando se fala em espiritualidade libertadora, significa falar de um agir de fé à luz da pedagogia e da prática libertadoras de Jesus, efetivando no palco histórico de Nossa América, uma verdadeira opção evangélica pelos pobres. É seguir sabendo que nos nossos dias o prosseguimento de Jesus torna-se o fundamento central para situar e entender corretamente a espiritualidade cristã. Cultivar tal espiritualidade requer comprometer-se com a transformação da sociedade. Para efetivamente concretizar a espiritualidade cristã libertadora no seio do continente latino-americano, propõe-se os seguintes passos:

1º. Passo: Considerar a realidade latino-americana como uma realidade de contradições, muitas vezes ao avesso da oração do Pai Nosso.

2º. Passo: Frente a essa realidade, renunciar a qualquer postura de indiferentismo e provocar uma leitura teológica dessa mesma realidade.

3º. Passo: Efetivar, à luz da fé, uma práxis com o objetivo de lutar contra toda pobreza e exclusão, contra toda forma de violência e extermínio da vida, contra toda forma de desrespeito ao diferente e contra toda forma de negação de Deus como o Deus da vida.

4º. Passo: Procurar realizar essa prática tanto de forma individual quanto comunitária, buscando criteriosamente discernir pessoas e organismos que possam ajudar nessa ação.

5º. Passo: Não esquecer de sempre alimentar-se da fonte, da mola propulsora de toda esta práxis: Jesus Cristo.

## **2. SE HÁ JOVENS PROFETAS, ONDE ELES ESTÃO?**

É uma pergunta difícil de ser respondida no atual cenário de Igreja, em que há a supervalorização de uma experiência da fé de fora para dentro da Igreja, sendo uma experiência muitas vezes individualista, fundamentalista, alienante, fanática e, sem dúvida, desapegada da práxis libertadora.

A juventude não se vê mais apaixonada, não se sente atraída pela mensagem da Igreja, eis a questão. Ela está apaixonada e atraída pelos prazeres que o mundo pode lhe oferecer. Se não há um amor verdadeiro da juventude pela Igreja e da Igreja pela juventude, não há evangelização da juventude, não há civilização do amor.



Quais foram e são os reais efeitos da Jornada Mundial da Juventude em nossas comunidades eclesiais de base, em nossas paróquias, em nossas dioceses, em nossos regionais? Será que se avançou e se fortaleceu o trabalho das Pastorais da Juventude? Ou será que a galera que esteve no Rio de Janeiro só foi para passear e só ficou no oba-oba e em nada mais se falou, nenhum projeto se realizou, a não ser o desejo de estar na Cracóvia, Polônia, em 2016, como vi em várias páginas no Facebook?

É preciso estar atento ao protagonismo da juventude dentro da Igreja, principalmente na catequese. Não é de agora que a catequese (Primeira Eucaristia, Crisma, Catecumenato) não é assumida pela juventude, portanto não há uma continuidade do chamado iniciado com o Batismo; continua ainda nas mãos de adultos, bem intencionados, mas muitas vezes, desfalcados de conhecimentos históricos, bíblicos e teológicos, como papagaios, vão repetindo o que ouvem em programas de TVs católicas; desatualizados de carinho, compreensão e entendimento do pensamento e dos sentimentos dos jovens espalhados nas paróquias deste país.

Entender o mundo juvenil não é prática comum, não é para qualquer pessoa.

E o que dizer sobre os jovens que estão nas comunidades eclesiais de base e que assumem, com certos custos, a missão de evangelizar a juventude, e que não contam muitas vezes com o apoio da própria comunidade, de outros jovens, do padre, da religiosa, do bispo? São como águias estressadas, avistam o horizonte ao longe, mas já não conseguem bater suas asas e voar bem alto, próximas do sol... querem comer, mas já não sabem caçar. Reclamam mas não conseguem avançar. Calam-se e somem. Vão para outras igrejas onde são acolhidos e apoiados, ou então, raramente aparecem, participam de uma celebração e somem novamente. Quase nunca se sabe por onde estão andando, o que estão fazendo, o que estão vivendo e experimentando.

Mesmo tendo uma estrutura bem montada na Igreja, com um belo trabalho por parte de uma juventude militante, não se consegue ouvir a voz da profecia.

Quando isso ocorre, com certeza, por conta de uma ação isolada, não se atinge o todo da Igreja, por todo o país. De fato, os gritos estão silenciados e não evidenciados. Há uma incoerência programada no meio da juventude militante de pensar que, por estar nos lugares mais altos dentro da estrutura, que não devem mais participar e partilhar suas experiências nas suas comunidades e paróquias de origem, enfraquecendo toda a engrenagem de formação de novas lideranças juvenis. Se estes militantes (coordenadores e assessores), mais experimentados, assumem coordenações diocesanas, regionais e a nacional, mas não são conhecidos, reconhecidos, e não estão à disposição em suas bases, qual o crédito que terão e darão a tais testemunhos no seio das comunidades que os enviaram em missão?



A juventude precisa ser missionária, ir ao encontro da outra juventude que não está dentro da Igreja, não participa, não conhece ou nem pensa em conhecer, mas ela deve ir e voltar, para contar aos que ficaram o que viram, ouviram e falaram pelos caminhos por onde passaram, e com quem eles caminharam e se sentaram à mesa para comer.

Afinal, o jovem é sujeito da História, é o sujeito de sua realidade, mas é a comunidade eclesial de base que o chama em nome de Deus, oferece-lhe uma formação e o envia para a evangelização, de dentro para fora da Igreja, mesmo sem nos darmos conta disso. Ao agir, distanciando-se da base, pensando que onde está na estrutura é que é a base, pregando que a que ficou lá atrás não é importante, desvalorizando e caluniando o trabalho de outros coordenadores e assessores, que já colaboraram com a caminhada diretamente e agora voltaram para suas comunidades de origem, por isso mesmo: pensam e agem diferente – escutando mais do que falando, servindo em silêncio, acompanhando mas deixando o grupo crescer e andar com suas pernas – estão sendo os culpados pelo calar-se da profecia; e o que é pior, arrastam outros jovens a cometer o mesmo pecado.

O cansaço e o desânimo têm levado a juventude a desistir muito facilmente da Palavra de Deus e de todo comprometimento que ela sugere para a humanidade. Ela se dirige para o encontro e o diálogo com várias outras ideologias que são diferentes daquelas oriundas de um ambiente religioso familiar em que a fé é mais cultural e tradicional do que pessoal.

Do ano de 2003 até o atual, se pôde constatar um pequeno crescimento e melhora na educação e na saúde, beneficiando-se, assim, a juventude; contudo, ainda é pouco; é necessário que se tome ações mais enérgicas e com maior rapidez.

A juventude é chamada a ser portadora de profecia e de espiritualidade numa sociedade globalizada, onde há uma inevitável mudança de valores, do aumento do individualismo, do sexo desenfreado, do fundamentalismo, da violência e do extermínio de jovens.

A violência permeia a vida humana desde os primórdios, sendo que nos últimos anos aniquilou de várias maneiras a existência juvenil no Brasil. Mata-se morre-se muito mais no Brasil por conta das drogas lícitas e ilícitas, do trânsito, das DST, do que durante a Primeira e a Segunda Guerra Mundiais, um verdadeiro extermínio.

O jovem envolvido com a violência e sem uma estrutura familiar e de um círculo de amizades, não quer perder tempo encontrando um emprego em que o salário mínimo não irá lhe garantir a realização dos seus sonhos e prazeres imediatos, ele prefere ser uma “mula” ou um “avião” do tráfico na escola em que estuda, não importando se irá ficar reprovado ou não; prefere tomar conta da “boca” exterminando os rivais e mantendo a polícia longe, pois assim terá poder material e pessoal.



A violência tem povoado os noticiários, os programas de TV, as discussões no barzinho da esquina. Os crimes cometidos contra a juventude e pela juventude deixam aos poucos de serem números preocupantes, pois se tornam senso comum. E aumenta o coro daqueles políticos que querem diminuir a maioria penal, mesmo ela tendo sido encerrada em votação no Congresso Nacional. Em países em que se diminuiu a maioria penal não houve a diminuição da violência cometida por jovens; pelo contrário, aumentou.

As ações são tímidas e as vozes proféticas na Igreja não são ouvidas!

A injustiça está batendo à porta e não se faz nada.

Enquanto houver injustiça e pobres, o Reinado da Vida não acontecerá.

## CONCLUSÃO

Juventude é um tempo propício de educação, de encontro e diálogo, de oferta e descoberta. Tempo em que o amor avança para uma relação nova, relação em que o jovem experimenta o Transcendente a partir de uma análise da própria vida e da própria vocação.

Os mesmos passos que Deus percorreu para dar uma resposta adequada à sua vocação: ouvir, lembrar, ver, conhecer, descer, decidir, chamar. Eis o desafio da missão, da profecia e da espiritualidade juvenil.

Há outros desafios e perspectivas que no caminho vão sendo identificados e por isso não podemos deixar passar em branco e que são de diferentes ordens e enfoques: 1º. Incentivar a inclusão libertadora: não é qualquer tipo de inclusão social, mas é tomar atitude em relação à consciência crítica, à visão ecológica ampla, à postura ética, à justiça social, à cultura da solidariedade, pensar um novo projeto para o Brasil que supere a idolatria do mercado e do consumo; 2º. Fomentar a consciência crítica e participativa: é imprescindível estimular a consciência crítica nas pessoas e comunidades em relação a causas e tipos de exclusão, bem como o respeito aos direitos e deveres dos cidadãos, através de encontros, formações, debates; 3º. Capacitar novas lideranças juvenis e assessores: garantir formação bíblica, humana, teológica, sociológica, filosófica, política, ética, pastoral, psicológica e outras, no que tange à construção de uma sociedade mais justa, solidária e pacífica, acompanhando de perto o desenvolvimento desta nova liderança e garantindo seu lugar na comunidade, ouvindo-a e aconselhando-a quando, por algum motivo, se desviar do projeto traçado; 4º. Manter viva a própria identidade: a juventude de ontem e de hoje é herdeira da grande reforma católica do século XX – o Concílio Ecumênico Vaticano II, e de sua atualização na América Latina e Caribe que foi a Conferência de Medellín, portanto, fruto das CEBS, que não são coisas estáticas de anos passados, elas são o antigo e sempre novo jeito



importante de ser Igreja, baseando seus passos sempre na prática do Moreno de Nazaré. É preciso avivar nas novas gerações esta identidade; 5°. Ser fermento profético: fermento bom é aquele fermento que faz o pão crescer, e crescendo pode ser partilhado com todos e o resultado disso é não deixar nunca cair a profecia – anunciar, denunciar e ameaçar – morrer se preciso for pela defesa da Vida; 6°. Cultivar a espiritualidade libertadora: é preciso voltar às fontes, ao primeiro amor, isso nos remeterá à militância na gratuidade; 7°. Ser, de fato, uma juventude missionária, profética e com espírito: para refundar, sacudir e impelir a Igreja a sair para fora de si mesma, a fim de evangelizar a todos.

Muitos jovens vieram antes de nós e testemunharam os ares da abertura do Concílio Vaticano II, de Medellín, de Puebla, de Santo Domingo, de Aparecida; colocaram-se em missão e levaram o Evangelho a todos os cantos deste Continente.

Somos frutos destes testemunhos proféticos; somos frutos da libertação de uma teologia europeia para uma Teologia da Libertação, onde o centro é o Moreno de Nazaré e sua prática e pedagogia libertadora em direção aos pobres.

Muitas cruzes foram levantadas, sangue inocente foi derramado por causa da Palavra germinada nestas terras continentais, de rostos indígenas, negros e brancos.

A missão, a profecia e a espiritualidade da juventude é martirial. E com o sangue de nossos mártires não se pode brincar.

A missão, profecia e espiritualidade da juventude é diaconal, é de comunhão, é de anúncio e de denúncia, é de defesa constante da Vida. No Brasil, na Nossa América Afro-Latíndia, o compromisso com as causas do Reino, nas causas do Povo, fizeram da Pastoral da Juventude um ponto de encontro, um porto seguro para as discussões sociopolíticas, religiosas e econômicas, que não podem e nem devem ser vividas, entendidas e interpretadas separadamente: é o Caminho de Emaús a ser percorrido!

E não há caminho a ser percorrido sem cruz a ser carregada!

É a partir do respeito mútuo que se vive cristãmente. Se não se respeita isso, não há como se dar o próximo passo.

Falar de missão, profecia e espiritualidade nos dias atuais é encontrar em nós e na comunidade, o mistério que nos faz viver com os pés no chão, atentos aos apelos e aos clamores do povo, com o coração e os ouvidos bem abertos para o que Deus tem a nos dizer. Que nossa juventude possa retomar a profecia ao experimentar do cálice... há muita coisa a ser feita...o Reino ainda não chegou... mas continuamos na luta!

Comprometidos onde estivermos com o Reino de Deus, que é de Paz.



Saia e vá para as periferias e enxugue todas as lágrimas, mas vibre e se alegre em estar no meio do povo.

Na Paz militante do Reino da Vida!

No Sonho do Outro Mundo Novo Possível!

## BIBLIOGRAFIA

BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma** – uma nova primavera na Igreja? Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.

CASALDÁLIGA, Pedro. VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da Libertação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008.

CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. Seção Juventude – SEJ. **Civilização do Amor: Tarefa e Esperança**. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

CNBB. **Evangelização da Juventude** – Desafios e Perspectivas Pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007.

COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

DICK, Hilário. **Gritos Silenciados, Mas Evidenciados** – Jovens Construindo Juventude na História. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

\_\_\_\_\_. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

LABONTÉ, Guy. ANDRADE, Joachim. (Orgs.). **Caminhos para a Missão** – fazendo Missiologia contextual. Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

LIBANIO, João Batista. **Jovens em Tempos de Pós-Modernidade** – Considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

MESTERS, Carlos. **Um Projeto de Deus**. 6.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

SOARES, Ismar de Oliveira. Fleuri, Reinaldo Matias. Câmara, D. Hélder. **Juventude e Dominação Cultural**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão** – convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.





\_\_\_\_\_. **Dicionário de Aparecida** – 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

TAVARES, Emerson Sbardelotti. **O Mistério e o Sopro** – Roteiros para Acampamentos Juvenis e Reuniões de Grupos de Jovens. Brasília: CPP, 2005.

\_\_\_\_\_. **Utopia Poética**. São Leopoldo: CEBI, 2007.

VASCONCELLOS, Pedro L. SILVA, Valmor da. **Caminhos da Bíblia** – Uma História do Povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003.

---

\* Mestrando em Teologia Sistemática pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Bacharel em Teologia pelo Instituto de Filosofia e Teologia da Arquidiocese de Vitória do Espírito Santo; Licenciado em História pelo Centro Universitário São Camilo – Vitória/ES; Bacharel em Turismo pela Faculdade de Turismo de Guarapari/ES; Correio eletrônico: est\_capixaba@yahoo.com.br.

<sup>1</sup> TAVARES, Emerson Sbardelotti. **Utopia Poética**. São Leopoldo: CEBI, 2007.

<sup>2</sup> COMBLIN, José. **A Profecia na Igreja**. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>3</sup> FRANCISCO. **Evangelii Gaudium – A alegria do Evangelho**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2013.

<sup>4</sup> MESTERS, Carlos. **Um Projeto de Deus**. 6.ed. São Paulo: Edições Paulinas, 1986.

<sup>5</sup> BOFF, Leonardo. **Francisco de Assis e Francisco de Roma** – uma nova primavera na Igreja? Rio de Janeiro: Mar de Ideias, 2013.

<sup>6</sup> FRANCISCO. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.

<sup>7</sup> CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. Seção Juventude – SEJ. **Civilização do Amor: Tarefa e Esperança**. Orientações para a Pastoral da Juventude Latino-Americana. São Paulo: Paulinas, 1997.

<sup>8</sup> A UNESCO defende esta concepção.

<sup>9</sup> DICK, Hilário. **Gritos Silenciados, Mas Evidenciados** – Jovens Construindo Juventude na História. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

<sup>10</sup> LIBANIO, João Batista. **Jovens em Tempos de Pós-Modernidade** – Considerações socioculturais e pastorais. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

<sup>11</sup> CNBB. **Evangelização da Juventude** – Desafios e Perspectivas Pastorais. São Paulo: Paulinas, 2007.

<sup>12</sup> SOARES, Ismar de Oliveira. Fleuri, Reinaldo Matias. Câmara, D. Hélder. **Juventude e Dominação Cultural**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

<sup>13</sup> FRANCISCO. **Palavras do Papa Francisco no Brasil**. São Paulo: Paulinas, 2013.



---

<sup>14</sup> LABONTÉ, Guy. ANDRADE, Joachim. (Orgs.). **Caminhos para a Missão** – fazendo Missiologia contextual. Brasília: abc BSB Editora Ltda, 2008.

<sup>15</sup> CELAM – Conselho Episcopal Latino – Americano. **Documento de Aparecida** – Texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. São Paulo: Paulus, 2008.

<sup>16</sup> SUESS, Paulo. **Dicionário de Aparecida** – 42 palavras-chave para uma leitura pastoral do Documento de Aparecida. 3.ed. São Paulo: Paulus, 2010.

<sup>17</sup> SUESS, Paulo. **Introdução à Teologia da Missão** – convocar e enviar: servos e testemunhas do Reino. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

<sup>18</sup> VASCONCELLOS, Pedro L. SILVA, Valmor da. **Caminhos da Bíblia** – Uma História do Povo de Deus. São Paulo: Paulinas, 2003.

<sup>19</sup> CASALDÁLIGA, Pedro. VIGIL, José Maria. **Espiritualidade da Libertação**. 4.ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.

<sup>20</sup> TAVARES, Emerson Sbardelotti. **O Mistério e o Sopro** – roteiros para acampamentos juvenis e reuniões de grupos de jovens. Brasília: CPP, 2005.